



Pereira da Silva, Fabricio (2024). *Em busca da comunidade. Caminhos do pensamento crítico no Sul global*. São Paulo: Elefante.

Por Mario Antônio VIEIRA FILHO*

Ouroboros**

Porque não há outro mundo possível

Ao ler a obra *Em busca da comunidade*, é preciso partir do seguinte pressuposto: não há outro mundo possível. Mesmo para a construção utópica, para a busca do não-lugar, é necessário compreender que a vida humana é perecível e que as condições de sobrevivência da espécie são atreladas às condições da biodiversidade do planeta. Apesar de um juízo aparentemente óbvio, a produção ideológica central torna seus dogmas e

rituais numa ontologia do ser do fim do mundo, onde o indivíduo é senhor de todas as variáveis, se basta em si e é o responsável último por sua “prosperidade” e “sucesso”. Podemos encarar esta síntese trágica tanto pela via central neoliberal, onde foi profetizado que “não há alternativa”, quanto pela via do pensamento crítico periférico, onde é necessário atravessar a sentença capital e criar, no presente, epistemologias capazes de alcançar o passado e o futuro. Na obra de Fabrício Pereira da Silva é possível conceber, a partir da periferia, o humano para além do apêndice da máquina e para além da desumanização do culto ao indivíduo que cria ídolos de plástico, representantes do empreendedorismo de si como panaceia de todos os males.

A modernidade se apresenta como um círculo. No centro reside o pensamento e os corpos iluminados, de onde emana a doutrina que formata, na melhor das hipóteses, o sujeito preenchido de angústias orientado ao acúmulo. Dentro do círculo, as estruturas de poder hierarquizam as possibilidades de presente e futuro daqueles que o compõem. Ainda assim, mesmo aqueles sob o signo do capitalismo avançado, vivendo dentro dos territórios das maiores economias do mundo, experimentam a periferia. Este retrato de centro e periferia está principalmente representado na arquitetura, nos corpos e na geografia das grandes cidades, o que implica também em o centro iluminado ser não apenas uma orientação geográfica delimitada, mas também a necessidade de justificativas superestruturais que sustentem as dinâmicas deste círculo moderno.

Ao tratarmos do círculo da modernidade podemos entender, intuitivamente, que a periferia está mais ou menos sobre a circunferência do círculo, nas bordas de onde se faz o poder e de onde se dá o arbítrio sobre a vida e a morte. Porém a dialética de movimento da estrutura da modernidade revela que as epistemologias do Sul Global estão do lado de fora. Assim, é do lado de fora do círculo onde a imposição da monocultura moderna e seus efeitos deletérios acabaram por deixar como legado não só a divisão entre

* Mestrando em Ciência Política pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Graduado em Ciência Política pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. ORCID: 0009-0000-3670-2598.

** Conceito representado pela figura em formato circular de uma serpente ou dragão que morde o próprio rabo. Utilizado há milênios em tradições esotéricas e herméticas, o ouroboros mais comumente representa o ciclo eterno de vida e morte, a autofecundação, o movimento da criação e a espiral da transformação e evolução.

“nós” e “eles”, mas as sobras de pensamentos e ideias que serão ressignificados e reintroduzidos em contornos de resistência e sobrevivência.

O circuito textual de *Em busca da comunidade* percorre não só a linearidade temporal ordenada pelos capítulos, mas identifica o passado como um terreno em disputa para a construção do futuro. Este é o ponto de convergência entre espaço-tempo. O capitalismo tardio anseia pela condenação ao eterno presente, onde a “essência humana” é atrelada à “natureza” do suposto autoaperfeiçoamento em que a pessoa é recalcada e reduzida ao indivíduo que se dobra sobre si a fim de acumular-se. Ao compreendermos que os elos entre passado e futuro vão além da sucessão de acontecimentos coagulados em um caminho único pela ideologia dominante, o passado é o terreno fértil de onde surgem as ferramentas de construção de alternativas ao longo do tempo.

A riqueza dos pensamentos periféricos e a história dos conceitos são certamente importantes na obra, mas existe mais a ser descoberto. Entre as páginas que desvelam a construção heroica periférica, nos é apresentado como os condenados da terra, sem história e sem identidade, não se contentam à limitação da repetição do presente, mas recriam o passado onde humanidade e natureza não foram artificialmente separados por uma epistemologia do domínio antropocêntrico. Ao percorrermos os caminhos da busca pela comunidade, podemos contemplar a necessidade de reintegração holística, o que implica que parte da beleza da obra reside na formulação de uma linguagem para o futuro.

Apesar da beleza romântica, aqueles que decidirem pela possibilidade de um futuro devem compreender que, por mais que as epistemologias periféricas sejam a cosmovisão local de determinado grupo, ao se contraporem ao *hegemon*, não será sustentável apenas uma rede multivariada de culturas mais ou menos intercambiáveis, pois a necessidade histórica de uma linguagem própria, que reescreva o futuro da própria espécie, será absolutamente incontornável. A gramática desta linguagem está ainda sendo construída, redigida através do trabalho e da consciência daqueles que pretendem domar o vendaval que farfalha as asas do *Angelus Novus*.¹

A circunferência que circunda a modernidade é cada vez mais restrita, empurrando todos aqueles que entendidos como fora das possibilidades reais de poder para fora da existência social e biológica. Neste contexto atual, as tentativas de reformas, de restauração de alguma humanidade no seio do capitalismo, mesmo expressando as melhores intenções em relação ao futuro da humanidade, servem apenas de adubo e pavimento para a tragédia. Apropriando-se apenas das críticas que podem ser industrializadas, embaladas e vendidas com o rótulo de “liberdade de expressão”, assim como outras mercadorias típicas do capitalismo tardio, a crítica reformista ao iluminismo da modernidade torna-se um invólucro cínico, apenas mais um produto de obsolescência programada. Assim, mesmo que se apresente como a forma de produção que desencanta o mundo, o capitalismo lança o feitiço da mercadoria sobre todas as relações sociais.

O movimento de restrição do círculo da modernidade faz com que aqueles que estão dentro observem, como um espetáculo exótico, as tentativas de vida do lado de fora. Porém, ao passo que as crises cíclicas do capitalismo se transformaram em crise estrutural, as caricaturas do Ocidente sobre a Periferia perdem sua força de descredibilizar o outro e animam o espectro refundador que ronda o futuro.

A linguagem da comunidade não será apenas a superação do modo de produção capitalista em direção à utopia, mas sim a suprassunção daquilo que será feito até que seja chegada a hora. Esta nova linguagem implicará em novas percepções e possibilidades, mas certamente a possibilidade mais desejada é a de se ter esperança. Um outro mundo não é possível, o espaço-tempo é como um só, sendo aqui o lugar onde a

¹ Obra de Paul Klee de 1920. Pereira da Silva utiliza a interpretação de Walter Benjamin feita sobre a obra em “O anjo da história”, onde o anjo da história é arrastado pelo vendaval, sem conseguir fechar as asas. O vendaval representa o progresso da história, que nunca cessa.

utopia pode acontecer, unindo a construção do passado, a esperança do futuro e o sacrifício do presente. Cabe aos criadores da linguagem humana holística encerrar a pré-história da humanidade, para que possamos finalmente nos deliciar no banquete da carne do Leviatã.²

² Aqui utilizado em referência tanto ao uso de Thomas Hobbes ao teorizar sobre o Estado legítimo quanto à passagem sobre o Leviatã bíblico, especificamente no Talmude Babilônico (Bava Batra, 74b). É também referência a obra “*Contra Celso*”, onde Orígenes de Alexandria descreve o grupo gnóstico dos ofitas, que utilizavam o Leviatã como símbolo da alma do mundo (anima mundi) e o representavam em forma de ouroboros.